

ELEGIA AO AMOR, AO VINHO E AO PRAZER

RUBAIYAT
VERSÃO JMA 2015



"A vida é demasiado breve para que se beba mau vinho"
Goethe

todos os que me conhecem

sabem que não ciciei orações
aos ouvidos das divindades

sabem também
que nunca ocultei meus vícios e os meus mais terríveis
defeitos

sejamos compassivos
para com os que se embriagam
de vinho e mulheres nas vielas da perdição

também nós feitos de pó
temos defeitos

se pensarmos nos pobres
nos deserdados
nos que com frio tremem
em todos os infelizes que em

abundância gemem

nos que à fome morrem
sem voz
sentiremos a felicidade a paz e a tranquilidade
baterem-nos à porta com a doçura
de quem nada procura

porque não somos nós

se és sábio não semeies o sofrimento

domina-te sempre
controla-te a cada momento

não te abandones à ira
cólera
e vingança

queres ter na alma a paz?
então sorri
ao destino que te fere

mas não firas ninguém

que à espada morre
quem com espada mata

não comandes
nem te deixes comandar

e só trabalhes
se fores obrigado a trabalhar

e tu jovem sem capataz
bebe e ama
até que mais não sejas capaz

faz por seres feliz hoje
o que é que te trará o dia de amanhã?
alegria ou tristeza
calmaria ou borrasca
vida ou morte?

agarra uma garrafa de vinho
o colo de uma mulher

senta-te à luz da lua
e bebe

pensando que amanhã
talvez seja em vão
que a lua te procure

de quando em vez
os homens lêem a bíblia
o corão
o guitá
livros que o pensamento consagrou

mas quantos se deleitam diariamente com a sua leitura
quantos cumprem os seus decretos
quais conhecem os evangelhos?

nos bordos de todos os cálices
recheados de vinho
nas bordaduras dos lábios
das mais belas donzelas
triunfa cinzelada
uma secreta verdade
a todos dada a saborear

o vinho é o nosso tesouro
os bares os nossos palácios

sede embriaguez
nossos fiéis companheiros

e o doce hálito das mulheres
o elixir que nos faz viver

ignoramos o medo
as inquietações

porque sabemos
que as nossas almas
os nossos corações
os nossos cálices
e nossas roupas manchadas

nada têm a temer
do pó
da água
do fogo

*

neste mundo dá-te por contente com raros amigos
não inspires a mesma simpatia que alguém te inspirou

escolhe atento
os que te hão-de acompanhar

e se alguém tiveres para amar
aprende a ser isento
e esquivo

antes de apertar a mão a um homem
pensa se ela não te ferirá um dia

antes de beijares uma mulher
certifica-te que não serás seu escravo

esta jarra foi em tempos idos

um pobre amante

que sofria

 cativo

 o desdém altivo

 de uma donzela

as asas da jarra

 eram o braço

 que rodeava

 o alvo pescoço

da sua amada

 que por tudo e por nada

 o escorraçava

como é pobre

 vil

 e doente

 o coração

 que não sabe amar

 que não se embriaga de

amor

 a melancolia da solidão

 de um corpo plangente

 nu e só no esplendor da noite

 se no mundo

 há gente que não ama

 certamente não entende

 na ausência do amar

 a palavra deslumbrante do

 sol

cada brisa será por ventura
o leve hálito de jesus?

pelo caminho oblíquo
seguro
 não vai o justo
 nem o iníquo
não vai o homem
 que o fruto da verdade
não colheu

 se porventura o colher
 da árvore da ciência
ouve
 ele sabe
 que os dias passados
 e os dias que estão para vir

em nada se distinguem
do infeliz primeiro dia
 da criação

para lá dos limites da terra
para lá dos limites do infinito
procurava eu o céu e o inferno
e nada vi

uma voz séria e avisada murmurou –

o céu o inferno
estão em ti

nada
 me preocupa
nada
 me afecta

ergue-te
dá-me vinho

néctar dos deuses

a tua boca
 esta noite
 como de outras vezes

a rosa mais formosa
 do céu
 e da terra

serve-me vinho
rubro como o teu rosto
a tornar leve e ligeiro
o meu arrependimento
e alados os meus remorsos
como leves são os teus sorrisos

a aragem da primavera refresca e aviva o corpo das rosas
e na sombra anilada do horto acaricia o rosto da minha
amada

na plenitude que vivemos esqueço o nosso passado
tão sedutora
 é a amorosa doçura do agora

poderei abarrotar de pedras o oceano
porque faço eu o que não devo?

sinto desprezo por ateus
e antipatia pelos devotos

há por aí quem me certifique de que irei para o céu
ou de que para o inferno na morte partirei?

o que é o inferno
e o céu?

conheces alguém que tenha visitado
essas regiões misteriosas e incompreensíveis?

se há que nos diga
se não
que se cale

quem fala não sabe
quem sabe não fala

sendo bebedor ignoro quem te modelou ó enorme jarrão

só sei que feito foste para abraçar três medidas de vinho
e que um dia a morte te despedaçará

então

perguntar-me-ei
por muito tempo

para que foste modelado
por que foste feliz
e porque
já não és mais que pó

e eu aqui

fugazes são os nossos dias

correm velozes como a água dos rios

e os ventos secos do deserto

dois dias me deixam indiferente
o ontem que morreu
e que já sepultei

e o amanhã que ainda não nasceu
e que não sei
se e como o viverei

quando nasci?

 não lembro
 o que lembra minha mãe

quando morrerei?

 não sei

ninguém memora

 o dia do seu nascimento

nem está apto

 a augurar a hora do seu decesso

vem

ó doce amante

 quero deslembrar

 no embriagamento

a dor da nossa ignorância

 do nosso sofrimento

 costurando

 as tendas

 da sabedoria

caí no fogo da dor

 e fui convertido em cinzas

o anjo azrael

 cortou os cabos da tenda

a morte ofereceu

 a sua glória

por uma canção

por que me angustiam
os meus muitos pecados?

não será inútil a minha melancolia
a discórdia interior?

que existe depois da morte?

o nada ou
a misericórdia

vá homem
vive em paz

nos mosteiros
igrejas
sinagogas
mesquitas
refugiam-se os débeis
temerosos do inferno

quem experimentou
o poder de deus
não cultiva no seu coração
as funestas sementes
do medo da súplica
do terror da oração

na primavera costumo sentar-me à sombra de uma árvore
frondosa junto a um campo de flores silvestres

quando esbelta moça me oferece húmido e rosado seu
cálice de vinho e amor não quero saber de minha saúde
nem me preocupa a salvação

na verdade
seria menos que um cão
se estivesse com tal apreensão

o mundo interminável –
um grão de poeira no vazio

toda a ciência e saber
que o homem acumulou –
palavras

as gentes
os animais
e as flores
dos sete climas –
sombras

a tua contínua meditação –
nada

mesmo que acredites ter solucionado o mistério da criação
diz-me –

qual será o teu destino?

mesmo que dês por garantido
ter desnudado a verdade
de todos os seus véus
diz-me –

será que conheces o teu destino?

mesmo que admitas a felicidade
de ter vivido durante cem anos
e que outros cem anos te aguardam
diz-me –

mas será que conheces o teu destino?

capacita-te

de que um dia

um qualquer dia

a tua alma abandonará o corpo

e serás arrastado por um véu flutuante
entre o conhecido
e o desconhecido

enquanto esperas

sê feliz
bebe ama

não sabes donde vens
nem para onde vais

saberás pelo menos
quem és?

aqueles que temos por maiores

sages sábios
filósofos
caíram no abismo da ignorância

no entanto esses brilhantes opacos foram as lanternas de
referência das suas épocas jazentes

mas afinal que fizeram essas sumidades?

pronunciaram algumas frases esotéricas

escreveram alguns textos obscuros

deitaram-se e

adormeceram para sempre

o coração disse-me –

quero saber

quero aprender

ensina-me

tu que tanto estudaste

que mergulhaste

em livros aos milhares

disse eu a primeira letra

e a minha alma respondeu-me –

sei

o um

é o primeiro

do número

que

nunca acaba

os mistérios

ah os mistérios

mistérios

ninguém os pode entender

como também

ninguém é capaz de ver

o que se oculta
por detrás das aparências

todas as nossas moradas
são temporárias

excepto a derradeira
na terra que nos há-de comer

bebe vinho e ama
basta de palavras inúteis
em lodaçal escritas

a vida é um jogo insípido
com dois prémios certos –
dor e morte

feliz a criança que morreu ao nascimento
mais feliz ainda aquele que não chegou a nascer

na feira que atravessas teatro da vida
não intentes encontrar amigo

tão pouco busques refúgio
porto seguro

aceita a dor com alento
sem a esperança de um bálsamo
que não existe

sorri à adversidade
não peças
nem im peças ninguém
que sorria para ti

estarás a desperdiçar o teu tempo

que a roda da fortuna gire
gire
e volte a girar

que rode sem parar

sem esperar pelo juízo dos sábios

abdica de contar os astros
que pelo céu sem fim se amplificam

medita nesta certeza –
hás-de morrer
não voltarás a sonhar

os cães vadios
devorarão o teu corpo
ou então a cada hora
serão os muitos vermes
da sepultura

estava com sono e a sabedoria disse-me –
as rosas da felicidade nunca perfumaram
nem nunca irão perfumar o sono de ninguém

em vez
de te abandonares

 a este irmão da morte
 bebe vinho ama
tens para dormir a eternidade

porque o sono

é uma morte temporária
e a morte

um sono
para sempre prolongado

o criador do céu
 e da terra
ultrapassou-se displicente
quando criou a dor
e a insuflou em toda
esta gente

lábios como rubis
cabelos perfumados
rostos perfeitos
quantos sois vós na terra?

não consigo contemplar o céu

tenho os olhos minados de lágrimas

aprazíveis centelhas
são os fogos do inferno
confrontados com as chamas
que me corroem

o paraíso

para mim

não é mais

do que um instante

um agora

de paz

sonho e sono sobre a terra
sono debaixo da terra

sobre a terra
e por baixo da terra
corpos que jazem

para onde quer que vá
onde quer que fique

o nada
um deserto de nada

homens que chegam

homens que se vão

que partem

para a terra do nada

antigo mundo

atravessado a galope

pelo cavalo branco do dia

pelo cavalo negro da noite

és o palácio triste

onde cem reis

sonharam com a glória

e cem monarcas

o amor almejaram

e todos amanheceram ó lamento

no seio da mais intensa dor

e no meio do maior pranto

o vento que veio do sul secou a esplêndida rosa para
quem o rouxinol cantava

devemos orar pela sua morte ou por nós?

quando a morte
secar os nossos corpos
outras rosas estarão para vir

irão nascer
e alegremente hão-de sorrir

abdica da recompensa que ontem merecias e que te não
foi concedida

sê feliz
ama

não deploras seja o que for

que o teu coração a nada se prenda

tudo o que te há-de acontecer
está escrito no livro

escrito no alfabeto da verdade
folheado pelo vento
e soprado pela eternidade

quando vos ouço falar da felicidade que é pertença dos
eleitos

 limito-me a dizer –
 eu só confio no vinho
 e nos lábios da minha amante

quero metal sonante
e não quero
vãs promessas

 o ribombar do tambor só apraz à distância

bebe

o teu vinho

beija

a tua amada

 único caminho

 só há um caminho

para a vida eterna

o vinho e o amor
vão
doar-te

a juventude
perdida

divina a estação
que perdura
das rosas
do vinho
do amor

amizade pura

goza o momento que te escapa
e que é a tua vida
férias que a morte te dá

bebe vinho

ama

estima os amigos sinceros

muito tempo terás
para dormir sepultado

sem vinho
sem mulher
sem amigo
sem amar

ouve este segredo

que do coração te confio –

as túlipas fanadas
nunca irão ressuscitar

cochicha a argila ao oleiro –
lembra-te homem
que és hoje como eu fui
não tornes a violar o que já violastes

cuida de mim
não me maltrates

oleiro se és assisado não magoes a argila com que adão
foi modelado

que tens tu sobre a roda
a mão do rei
o coração de príncipes?

que fazes homem?

a papoila colhe a sua cor púrpura do sangue de um rei
morto

a violeta nasce da excelsa beleza da face de um
adolescente

séculos e séculos
perdem-se nos tempos
enquanto
se sucedem auroras
crepúsculos
e os astros caminham
pelos céus

cuida da terra que pisas
que cavas para semear
pode ser
pode acontecer
que o torrão
que vais sangrar
para deitar a semente

tenha sido outrora
o olho lânguido
de um adolescente

um narciso na margem do ribeiro oscila ao sabor da brisa
não brotarão as suas raízes dos lábios de uma mulher?

que os nossos passos sejam leves acariciando a erva
tenra
frágil
que cresce viçosa no lameiro
fonte de flores variadas

talvez tenha nascido das cinzas
de belos rostos onde já vingou
a claridade das túlipas encarnadas

ontem

um oleiro

laborava

na sua roda

modelava um cântaro

e o que modelava

eram

crânios de nobres

e mãos de mendigos

bem e mal

combatem

pela primazia

neste planeta lobos e predadores

ladrões mentirosos

criminosos políticos ranhosos

o céu não é responsável
pela celebridade
desgraça
ou felicidade
que o destino nos reserva

não lhe agradeças
nem o condenes
vás por onde fores

já que nada se preocupa
com as tuas míseras alegrias
ou com as mais terríveis das dores

se lavrado o teu coração o semeaste diligente com a
semente do amor então não viveste inutilmente
se procuraste ouvir atento a voz de deus e a guardaste no
teu pensamento não foi inútil o teu viver

como o não foi se sorrindo e amando ergueste a tua taça
de vinho em homenagem ao prazer

age prudente

caminhante

arriscado

é teu caminho

e afiada a

espada do destino

evita as amêndoas doces
da orla das estradas

têm veneno as danadas

um jardim

uma jovem esbelta

uma bilha de vinho

meu anseio

meu azedume
meu paraíso
e meu inferno

mas alguém terá havido
a quem foi dado conhecer
o céu ou o inferno?

tu cuja face
obscurece

as rosas do campo

tu
cujo rosto

parece

um ídolo chinês

sabes por mero acaso
que o teu olhar malhado
a veludo bordado
na flor de uma vinha
transformou o rei da babilónia
no bispo vicioso
que no jogo de xadrez
foge da rainha?

a vida vai-se esgotando
que resta das antigas cidades?
o mais pequeno dos toques
é letal para a rosa
que pela manhã vai
desabrochando

 bebe vinho
ama abraça paixões
 contempla a lua

que tantas civilizações
viu nascer e morrer

e há-de ver

oh a voz da sabedoria
 diz-me dia após dia

 minuto a minuto –

 a vida é tão breve

não me assemelho às plantas
que podadas
 voltam a reverdecer

quando morrer
 nem raízes nem sementes
 me farão reviver

retóricos filósofos sábios silentes
 morreram

 e não se entenderam
 sobre a essência

do ser

 e do não-ser

incomoda-te que te chamem ignorante?

 paciência

 continua a saborear
 os melhores vinhos

 os lábios mais belos
esquece se pecas os pecadores

esses sabedores
que se confortem
com suas mãos
e com uvas secas

o meu nascimento nada trouxe de diferente nenhum
bem ou mal ao mundo a mim indiferente

a minha morte não abreviará o seu tempo não
diminuirá o seu brilho nem o seu tamanho

não há ninguém
em toda esta multidão
que me elucide

por que vim para que vim porque terei
de partir

sem que de alguém
o peça ou requeira

tombaremos pela vereda do amor

o destino irá esmagar-nos

oh bela
oh donzela
oh cálice encantado
oh agrado do meu sentido

levantai-vos

dá-me a chama dos teu lábios
dá-me o teu líquido inviolado
antes que o fim de tudo
venha sem ser esperado
e me transforme em nada

à felicidade

só lhe conhecemos o nome

um rótulo numa jarra opaca

o meu amigo mais velho

é o vinho novo

acarinha com os olhos
e com os dedos das mãos
aquilo que falta nos faz
e que nunca nos burla –
a jarra transbordante
do sangue do vinhal

a cidade

é agora refúgio de gazelas

leões deambulam pelos jardins
onde antes tocavam músicos

tudo dorme
agora num outeiro
onde pastam burros domésticos

não busques cego a felicidade
a vida é breve como um suspiro

as cinzas de reis e príncipes condes e marquesas
voam
no redemoinho vermelho que contemplas

os governantes apodrecem nas catacumbas da
mentira
do roubo e do vício os ricos e poderosos
apodrecem nos jazigos

o universo é um sonho
a vida é um sonho

senta-te e bebe

goza a felicidade
que ao rico não foi concedida

bebe ele amealha
ama ele trabalha

escuta os alaúdes dos amantes
que na sua harmonia e melodia

são os exactos salmos de david

não te entranhes no passado
não fiques ansioso com o futuro

que os teus pensamentos	o teu lucro
esteja sempre	presente
no eterno agora	na eternidade
enquanto a ambição	para ti jaz
na tumba dos insensatos	

este é o segredo da paz

mediócras acanhados e orgulhosos
estabelecem
entre o corpo e a alma
diferenças que não entendo

eu só vos posso dizer
que o vinho
faz findar o medo
e nos dá
a tranquilidade perfeita

e que amar
nos dá felicidade
consequência
da ausência do pensamento

meditação e contentamento

que mistério é esse
do movimento dos astros
que giram e giram
no espaço sem fim

que mistério

agarra-te com força
à corda da sabedoria
vive o teu dia
beija os lábios da moça
que com seu perfume

te inebria

bebe do vinho
da alegria

não há mistério

não tenho medo da morte

mais

 quero este acontecimento
inquestionável inelutável

 que me impuseram
 no dia do meu nascimento

 nascença

afinal que é a vida?

 um benefício que não escolhi
 e que devolverei com indiferença

a vida passa

 veloz

como uma caravana

pára de cavalgar
e procura ser feliz

 moça virgem
 donde te vem essa tristeza?

bebe um pouco deste vinho

dá-me de beber

já se declaram
os primeiros sinais da noite

mas tenho amor para dar

a minha paixão por ti
mata-me de amor e desejo

não deixo por isso de alagar
o meu cálice de vinho

tal é o meu sentimento
a intensidade de amar

que sem piedade o tempo
anulou o discernimento

da minha razão

florescendo o leito e
fazendo murchar
sem caridade
a rosa que brilhava
no meu peito

tu que me atormentas ó imagem de uma nova
alegria
vozes de amor encantadoras que me atentais

vejo a minha amada e só a sua doce voz oiço

deus há-de perdoar-te diz ela suave

não aceito esse perdão
não pedi qualquer absolvição

carinhos
afagos e mimos
tanto deleite e enlevo
depois?

acaba odioso cansado
entediado

porquê?

se hoje e amanhã
no prazer e gozo
que dilacera o coração

porquê?

haverá um dia em que as nossas almas irão deixar
nossos corpos para trás

sobre as nossas pobres e inertes cabeças alguém
colocará um ladrilho
uma lápide inscrita que dirá –
aqui jaz
em eviterna paz
quem na taberna
muito bebeu
amou e sofreu

depois
as tuas cinzas misturadas com as minhas
serão modeladas pelas mãos de um oleiro
ou de um pedreiro
a construir um amor perfeito

vinho	único conforto	alívio	bálsamo
	para um coração que sofre		
	enfermo		

vinho
perfumado a almíscar
vinho
cor de rosas
a florescer num ermo

serve-me vinho
vinho
destruidor
a aplanar
o inferno ardente
da minha amargura

vinho

e o teu alaúde

de cordas de seda

minha adorada

minha amada

tanto se fala de um criador
que criou os seres
todos os entes
céus terras e mares
os homens suas gentes

para que os criou
ele o supremo senhor
um primeiro
e logo após dois
para os destruir depois?

há os feios e os belos
os com defeitos e os escorreitos
os que nascem ricos e os pobres
os que morrem à fome
à nascença e as crianças
saudáveis e doentes
porquê porquê?

não sei nada
não compreendo nada

não compreendo

os homens divertem-se
a errar pelo carreiro

do que pensam ser
o verdadeiro conhecimento

uns buscam-no
outros afirmam
que o encontraram

não

um dia a voz virá
e bem alto clamará –
não há caminho

não há caminho

oferece como sacrifício à alvorada o vinho do teu
cálice os beijos dos teus lábios túlipas de
primavera

oferece ao sorriso rasgado de uma jovem em flor o
vinho com que brindas ao amor

bebe e olvida

bebe e ama beber e amar

que o punho da dor
em breve
te irá derrubar

vinho vinho
 que percorra sem cessar
as minhas

veias

 vinho
amor vinho
 que me suba

à cabeça

cálices
silêncio

nada
é verdade

 vinho
cálices depressa
urgente que envelheço

quando for sepultado
do meu túmulo

exalará
inebriante aroma a vinho
forte
tão forte
tão poderoso
que embebedará
quem por ali passar

a tranquilidade emanará
do meu sepulcro perfumado
impedindo os amantes
de dali se apartarem

não conseguirão partir
nem tão pouco afastar

no delírio da vida
só serão felizes
os que sábios pensam ser
e os que não cuidam
da sua instrução

tolos

curvei-me sobre todos os segredos

sobre todos os mistérios do universo

e desanimado

refugiei-me na solidão

cegos surdos e mudos

invejando

dizem-me –

não bebas

deixa de beber

respondo –

quando bebo

oiço as rosas

as túlipas

os jasmins

e também

o que a minha amada

em segredo e para si

em mim

me diz

meditas
em que meditas?
nos teus antepassados?
eles que são pó sobre pó
nas suas virtudes e celebridade?
deixa que sorria
toma este jarro
vamos beber
vamos amar
e escutar o momento
o silêncio das galáxias
em movimento

a aurora alagou de rosas a abóbada celeste
no ar diáfano e puro perde-se a canção do último
rouxinol
o aroma do vinho é mais leve e generoso
e pensar que neste momento em cada parcela do mundo
há aluados ensimesmados que sonham com glória honras
e reputação

oh como são macios os teus cabelos doirada a tua aura
e perfumado teu hálito
 amada

amigo não faças projectos
 não pesques em lagos secos

 tens a certeza de poder colher
 os frutos do que agora plantaste
 de terminar a frase que começaste?

amanhã talvez possamos estar
tão longe desta choupana
tão distantes desta caravana
que se afasta afasta sem cessar
como os que já abalaram
há milhares de anos
e que ninguém recorda
 ou comemora

 senta-te comigo na margem deste ribeiro esbelta
adolescente de rosto trigueiro olho-te com os olhos
do futuro que o estar sozinho me concede

 e penso com melancolia

o vaso e o cálice
pleno de vinho
que serás um dia

há muito há anos que a minha juventude
é no reino da morte jacente

 primavera da minha vida
perdida
 onde se perderam
 primaveras idas

oh adolescência
que passaste
sem que eu
me apercebesse
da brevidade
desta vida na terra
tal como
dia após dia
se amolece a suavidade
da primavera

embriaga-te irmão
com todos os perfumes

de vinhos novos e velhos
de todas as mulheres
de músicas
de cores
das flores

não faltes em afagos
agasalho e blandícias
às tuas amadas

olha que a vida é breve
feita de pontes sem margens
e que não tardarás
a afundar-te na terra
como a água dos poços e das fontes

a paz neste mundo?
loucura vaidade

eterno descanso?
demência também

depois de morto
um sonho breve

ressurgirás na erva
frágil e indefesa
que todos calcam

ou na flor que no estio
o sol irá queimar

pergunto-me -

afinal o que é meu
o que tenho por certo
ou possuo incontroverso?

pergunto-me -

o que restará de mim
depois da passagem
para o reino dos mortos?

a vida é um incêndio
que devasta a floresta imensa
em escassos minutos

chamas vermelhas
cinzas que o vento espalha
e com paciência dispersa -
tal é a existência humana
e a minha essência

cinzas

cinzas

evidência e dúvida

erro e verdade

palavras vazias como bolha de ar
a boiar no tanque dos nenúfares

com as cores do arco-íris
a cintilar
ou turva
como nuvem a pairar
em dia de escuridão incontida

bolha que é alegoria da vida

ao poder dos monarcas
às riquezas das áfricas
prefiro um púcaro de vinho
e mulheres para beijar

no silêncio dos bosques amar
perdidamente um corpo ao luar
numa esteira de linho

admiro o amante que geme de felicidade
de dor e pelo amor que a vida tece
desprezo o cínico que boqueja uma prece

ouve este segredo duradouro –

quando o primeiro alvor

alumiou o mundo em trevas
adão era uma criatura sofrida
sentado em venenosas ervas
que almejava pela noite

e clamava pela morte

a lua já brilha luzeiros
 amanhã o sol iluminará
uma cidade silenciosa e hirta

vinhos a dormir nas bilhas
nas garrafas nas taças
e jovens ingénuas
nas sombras das florestas

ao quadragésimo sétimo dia a morte entrará pelas frestas

a ninguém pedi a vida
não pedi para viver

ou pedi?
insisti?

esforço-me por aceitar
sem gozo nem cólera
tudo o que a vida
tem para me ofertar

partirei sem questionar
sobre tão estranha condenação
que com outros me faz partilhar
este mundo cão

não esqueças
colhe todos os frutos
que as tuas mãos
alcancem
vai a todas as festas
banquetes e romarias
escolhe as taças maiores
e as mais belas mulheres

deus não se importa
com teus vícios e virtudes
como atinges o prazer
e com o que fazes do teu corpo

deus tem mais que fazer

noite escura

silêncio espectros fulgentes

a folhagem estática
num ramo incandescente
como o meu pensamento

de uma rosa
 exemplo que julgas
ser do teu esplendor
 cai uma pétala

onde estarás
neste momento
tu que me brindaste
com o cálice de cristal
e lábios purpurinos
pelos quais suspiro?

nenhuma rosa
 se desfolha junto
de quem acaricias

com teu vinho

e sei que ninguém
te pode entregar a felicidade amarga
com que eu te embriagava
no bosquete de
granito e pinho

se soubesses

como pouco me afectam
os quatro elementos
e as cinco faculdades

ah se o soubesses

diz-se que alguns filósofos gregos
conseguiam colocar cem problemas
aos seus auditores

que me interessa
que importância tem?
é-me indiferente
o problema dessa gente

serve vinho
sim vinho
toca o alaúde
e que as suas notas
evoquem a brisa
que como a vida foge

ah serve o vinho
 beija-me
 dá-me o teu carinho

quando a sombra da morte aluir sobre mim e os meus
dias pelos dedos de uma mão contados chamar-vos-ei
amigos meus

 levar-me-eis deitado

quando o corpo que vivo foi se transformar em pó do
deserto

 ireis moldar um jarro que encheis de vinho

talvez então oh mistério
me vejais ressuscitar

 e seja eu o herdeiro

 dono de um novo

 e mais justo império

talvez seja tarde

com a alma vendida ao diabo

onde estás tu meu amigo
das noites errantes
das boémias cantantes?

onde estão os nossos amigos
tê-los-á abatido a morte
na sua vida sem sorte?

onde estão agora?
pareço ainda ouvir
as suas alegres canções

estarão mortos
ou ébrios de connosco
tanto
ter vivido?

quando eu finir
comigo hão-de morrer
as rosas
os ciprestes
os lábios vermelhos
e o vinho perfumado

nem mais uma aurora

nem crepúsculo
dores alegrias
sofrimento

o mundo deixará de existir

o mundo só é real
e só pode ser vivido
como efeito do pensamento
de limitado cérebro nascido

esta é a única verdade –
somos peões
de partida
de xadrez
por deus
jogada
move-nos
em frente para trás
para os lados
detém-nos
faz-nos avançar
recuar
e depois

vai-nos atirando
peças sem préstimo
para o jogo do nada

quando o quer
um a um
para fora do tabuleiro

a abóbada celeste
é um cálice voltado

agitam-se os sábios
agitam-se de balde

que o teu amor
pela tua amada
seja igual ou parecido
ao que o jarro
sente pela taça

lábio com lábio
boca com boca
trocam o seu sangue
em puro enlevo

os sábios nunca te irão ensinar seja o que for

mas as carícias dos amaviosos cílios de mulher
irão transportar-te para o reino da felicidade

os teus dias estão severamente contados
em pouco tempo o teu corpo será dado à terra

bebe vinho	ama
e afastado	procura nele
na mulher	e no embriagado
o afago	que pelo conhecimento
te não é doado	

o calor do vinho
é libertação

o calor do amor
arroubo interior

libertação do passado e do futuro

encantado pela luz
quebra os grilhões

caminha com ou sem verdade

ama e bebe
a liberdade

quando era criança
na igreja sentado
não rezava qualquer oração
mas voltava com o coração
cheio de esperança

agora e até ver
velho e cansado
quando me sento numa delas
procura a sombra
o silêncio e a frescura
e deixo-me adormecer

na terra matizada
que não é judeu
católico
budista
nem rico

caminha alguém
nem muçulmano
ou cristão
hindu
nem pobre

não invoca deus
não quer saber das suas leis

não crê na verdade
nem nunca afirma nada

na terra matizada
quem é este homem

triste e corajoso?

antes de saber como acariciar
um rosto amoroso como rosas
quantos espinhos não terás de arrancar
da tua própria carne perfurada

olha
esse pente
era um pedaço de madeira

quando a talharam
grande foi a sua dor

mas
hoje o pente
afaga cabelos
brilhantes perfumados
de uma adolescente

há um momento em que a brisa da manhã abre as
rosas e lhes sussurra que as violetas já despiram as suas
roupas

só é conveniente que viva aquele que se compraz na
visão do sono de esbelta mulher

alcança a sua taça
esvazia-a
e lança-a fora

tens medo do amanhã

sabes porventura
o que é te pode acontecer?

sê audaz
para que o azar
não justifique os teus temores
e essa tua agonia
que aumenta a cada dia

liberta-te de tudo

não te comprometas com nada

não indagues nos livros

nem questiones outros

que como tu

nadam nas águas da ignorância

o âmago do destino é insondável
indecifrável

senhor senhor diz-me

deste-me olhos
 para que a beleza
dos seres
 das mulheres
me deslumbre

concedeste-me o dom da felicidade

queres que eu abdique sem mais
do prazer das maravilhas do mundo?

impossível senhor
tão impossível como virar uma taça
sem derramar o seu vinho
ou tocar uma virgem
sem colher o seu amor

na taberna da minha aldeia
pedi a velhos sábios
notícias dos que já partiram

tio zé gabriel respondeu –
só nos levam a dianteira
é tudo o que sei

tio antónio velhaco ouviu e disse –
eu sei um pouco mais
morreu fodeu-se

e não mais voltará

bebe o teu vinho
vá
bebe
e esquece

olha ouve
 uma rosa tremula
no sopro da brisa
 o rouxinol canta-lhe
 uma breve canção

uma nuvem adormeceu
no céu azul sobre o mar

vamos beber
vamos amar
vamos navegar nas ondas
do prazer

sem lembrar que não tardará
uma rajada a desfolhar a rosa
a levar o tépido canto do rouxinol

e a nuvem e sua sombra
a despertar o sol

uma rosa dizia –
do mundo sou a maravilha

será possível
que um perfumista
me faça sofrer?

cantava um rouxinol –

um dia de felicidade
anuncia um ano de lágrimas

esta noite ou talvez amanhã
poderei já não existir

tempo terminado
nesta terra

navio

a afundar

chegou o momento
de pedir vinho
e uma mulher para amar

com quem te comparas
com um tesouro
com um jarro de ouro?

julgas tu moribundo
que os ladrões
irão violentar a tua cova
para furtar um defunto?

o amor esse forte sentimento doce e inebriante como o
mais puro dos licores
emoção pacífica ou violenta que quando não arrasa e
devasta o coração do amante não é amor

as brasas da lareira
darão o calor
de uma fogueira?

noite e dia
em sonho ou vigília
em toda a sua vida
o amante contorce-se
de prazer e dor

podes mergulhar na noite
nas profundezas do oceano subir aos montes
escalar as muralhas dos fortes
caminhar no horizonte
em vão

adão e eva

tão amargo deve ter sido
vosso primeiro beijo
para que nos tenham gerado

tão desesperados

bebo vinho como a raiz do salgueiro bebe a água do idílico
ribeiro da minha pobre aldeia bebo o vinho pura
das nossas vinhas antigas
só deus é deus e ele tudo vê só há um deus e ele
tudo sabe tudo prevê não é o que está escrito?

quando me criou não sabia que eu beberia vinho
e pelos caminhos da estúrdia com outros boémios
vaguearia?

se não bebesse nem amasse a ciência de deus
seria um fracasso

poderá ele castigar o que assim criou?
poderá castigar-me a mim
que a ele devo o que sou?

o vinho é alforria
de dúvidas e cuidados
de medos e fados
indecisão e embaraços

é o mágico mãos de rubi
que te irá transportar
momento a momento
à terra do esquecimento

fecha o teu livro de orações

bíblia

corão

guitá

pensa com atrevimento
e defronta sem temor
o céu e a terra

faz do pobre e do oprimido a tua dor

ama mais que o deus dos homens amou

como é débil o homem
fatal e implacável o seu destino

como é dissimulado e insincero

juramentos

juramentos falsos

juramentos que não cumprimos
indiferentes à vergonha e à desonra

frieza da mentira
na terra da hipocrisia

até eu
por vezes
vivo na insensatez
destempero e desacerto

mas tenho por escusa
estar embriagado
ou apaixonado

ouve-me

se este mundo

mais não é do que ilusão

por que desesperas

por que motivo te afliges

e desiludes?

por que pensas noite e dia

na tua infelicidade e na tua dor?

abandona a tua alma
à fantasia das horas
o teu destino já está escrito
na abundância ou na fome
não há para ele apagador
e ninguém para o apagar
porque deus sonha
e se não sonha dorme

a auréola que rodeia esta frágil rosa é um sinal do
seu aroma ou a débil defesa que na bruma desfeita deus
lhe deu?

os cabelos sobre o teu rosto amada serão a noite que
teu olhar há-de dissipar?

acorda desse sono amada o sol abrilhanta as
nossas taças

bebamos

amemos
que um corpo luminoso
é mais belo que a escuridão

decide-te

não contemples mais o céu

rodeia-te de belas
e aprazíveis mulheres

acaricia-as com
suavidade
e amor

de que suspeitas?

ainda desejas rogar a deus?

muito antes de ti
outros homens lhe dirigiram
fervorosas orações mantras
ave-marias credos petições

já se retiraram para o reino da morte
e ninguém sabe se deus
de longe ou perto
na sua contrição os viu ou ouviu

aurora felicidade pureza

um enorme rubi
brilha em cada taça

toma estes dois ramos de sândalo

transforma um
 em alaúde
e queima o outro
 com os teus lábios

para que nos perfume
enquanto amamos

estou cansado

 exausto

de interrogar

 livros

 homens

quis consultar o jarro da vida

poisei nos seus lábios os meus
e murmurei –
para onde irei quando morrer?

ele

 cheio de vinho forte

respondeu-me –

 bebe na minha boca

sacia-te à vontade

nunca voltarás da morte

nunca

se estou perdido de bêbado
nem sonhas como sou feliz

se admiro o rosto rosado
da minha amante

sou feliz

se sonho que não existo
como sou afortunado

porque a morte é um nada
antigo e moderno calcinado
e no nada não há sofrimento

nem o tormento
do inferno

ó estulto que sábio te julgas

desassossegado

entre o infinito do passado

e o infinito do futuro

queres criar
um limite entre estes dois infinitos?

sendeiro

elige uma árvore
senta-te à sua sombra
com paciência redobrada
de um jarro de vinho
bebe com a tua amada
até que te esqueças
da tua fraqueza e impotência

mais uma aurora

dia após dia invento um novo brilho no mundo e como
lamento como me angustio por não poder agradecer ao
seu criador

mas tantas são as rosas que me contentam e tantos os
lábios que me consolam quando aos meus se unem

deixa o teu alaúde amante os pássaros já cantam

vamos amar

pouco mais precisas
de entender
ou saber
que tudo é mistério

a criação do universo
o destino do universo e a tua
e o teu

sorri aos mistérios
como quem sorri a um perigo
que desconheces

nada irás saber
quando franqueares
os portais da morte

paz aos homens
de boa e má vontade
ao mal e ao bem
no escuro silêncio
do obscuro além

que farei hoje? irei à taberna ao prostíbulo

sentar-me no jardim

lerei algum livro

beijarei doce mulher?

um pássaro voando
cruza os céus

onde vem
quem é
para onde vai?

tão pequeno
e grácil
já o não vejo

oh embriaguez de ave
no azul subtil
oh arrependimento do homem
na sombra fresca de um templo

o mundo é um roseiral

visitas –
as borboletas
e os rouxinóis

elas oferecem-nos cor

dúctil movimento
eles canções

se não tiver

rosas

violetas

ramos

folhas

éden

e farol que me guie
terei por flores

as estrelas

e por jardim

teus cabelos soltos

ao vento norte

servos

não nos alumiem

os convidados adormeceram

estão pálidos de morte

hirtos estão e de frio gélidos
reflexo da imagem do sepulcro

deixai as velas

não há luz nem amanhecer

para os mortos

quando te vergares ao peso da dor
quando os teus olhos secarem
pensa nas verdes plantas que a chuva asperge

quando te sentires desesperado
no esplendor do dia
e quando desejares
que uma noite sempiterna caia sobre o mundo
pensa como uma criança
pensa nela ao despertar

ah como é bom amar gratuitamente

escondo a minha melancolia
de toda a gente
com a vergonha da tristeza

as aves feridas também se escondem para morrer

serve-te de vinho
bebe
ouve as minhas graças
e as desgraças ocultas

quero vinho
quero rosas
canções de alaúde
quero amar

e tu amante quero-te
indiferente ao meu pesar

muito aprendi

outro tanto esqueci

outrora

na minha memória
cada coisa

saber

especulação

tinha o seu lugar

se algo estava à direita

não podia

ser desviado

para a esquerda

e se à esquerda estava

não poderia ser desviado

para a direita

só atingi a paz

quando com desprezo

tudo repudiei

e acabei por aprender
que não nos é possível
afirmar ou negar nada
e que em tudo há

uma praga

neste mundo é nosso destino sofrer

para depois

em agonia morrer

com algum prazer

não quereis dar à terra

quanto antes

o vosso corpo miserável

ele que é a fonte

de todo o padecimento?

e a alma
perguntais
pela qual deus aguarda
para o juízo final?

ficai descansados

que logo vos responderei
quando for avisado
por alguém que regresse
da terra dos mortos

santo homem

despe essa roupagem
de que tanto te envaideces
e que não tinhas quando nasceste

veste antes o manto da pobreza

embriagado ou sedente

dormir apenas me apetece dormir

profundamente

não quero saber
o que é o bem
e o que é o mal
porque o bem
está para o mal
como o mal
está para o bem

afinal

o que é o bem
o que é o mal?

para mim
dor e prazer são semelhantes

quando me sinto feliz
concedo à felicidade
modesto lugar
já que bem sei
que a dor não tardará
para a afastar

nunca conseguiremos incendiar o mar
nunca iremos convencer o homem
dos perigos e manhas da felicidade

no entanto
todos sabemos

que o mais pequeno embate
é letal para o jarro cheio
e deixa ileso o vazio

olha à tua volta

aflições

desgraças

desespero

angústia

choro

e ranger de dentes

os nossos melhores amigos morreram

a tristeza é a nossa companheira
inseparável

mas

continua homem

abre as mãos

alcança o que anseias

faz das tripas coração

enterra nas profundezas
o cadáver do teu passado

és infeliz

tu que choras

que gemes

que escondes o rosto no leito

e em segredo padeces?

engano

todos os reinos e riquezas
por uma taça de vinho generoso
todos os impérios e suas fortalezas
por um cálice de vinho novo

todas as bibliotecas e livros
toda a sabedoria
pelo doce aroma do vinho
por um beijo à sombra de uma tília

todos os hinos de amor
pela canção do copo que se esvazia
e por um corpo que se anuncia

senhor desbarataste a minha alegria

 ergueste uma muralha

de pedra armada
 entre o meu coração
e o da minha amada

os cachos da minha vindima foram degolados

vou morrer senhor
morro com dor

mas tu
cambaleias como os embriagados

 silêncio
oh minha dor

deixa que busque mezinha
é preciso viver
 é urgente

porque os mortos
não rememoram
e eu apenas
desejo nem que seja
por instantes
voltar a ver
 a face das
 minhas amantes

alaúdes taças
jarros perfumes
risos olhos amendoados
profundos

brinquedos que o tempo
 faz corromper

austeridade
meditação
oração

trabalho
solidão
renúncia

cinzas que o tempo espalha
cinzas

cinzas
e nada mais

RUBAIYAT
VERSÃO JMA 2015

JOSÉ MARIA ALVES

<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>
(BLOGUE PESSOAL)

http://www.homeoesp.org/livros_online.html
(SITE PESSOAL)